

# CORREIO BRAZILIENSE

*Na quarta parte nova os campos atra.  
E se mais mundo houvera, lá chegara.  
CAMÕES, e, VII e 14.*

**Diretor-Geral**  
Paulo Cabral de Araújo

**Diretor-Superintendente**  
Edilson Cid Varella

**Diretor-Responsável**  
Ari Cunha

**Editor-Geral**  
Ronaldo Martins Junqueira

**Gerente-Geral**  
Alberto de Sá Filho

**Gerente Financeiro**  
Evaristo de Oliveira

**Gerente Técnico**  
Ari Lopes Cunha

**Gerente Comercial**  
Maurício Dinepi

## Retrocesso, não

Uma queda vertical dos investimentos nos setores básicos da economia nacional ameaça, a prazo relativamente curto, condenar o Brasil a uma situação de calamidade. As áreas de energia elétrica, transportes, siderurgia, petróleo, telecomunicações, abastecimento e instalações portuárias acham-se expostas a disfunções as mais graves. Os projetos de reaparelhamento tecnológico e de expansão de setores vitais estão, quase todos, paralisados, em virtude da cessação dos fluxos financeiros suficientes para dinamizá-los.

Em nome de uma política supostamente destinada a retirar de cena os principais indutores da inflação, desde meados do ano, o programa de investimentos públicos a cargo da União declina por falta de recursos. No momento, pode-se dizer que impera o vácuo, pois até mesmo obras associadas à própria estratégia nacional, como a Hidrelétrica de Xingó, foram abandonadas.

O mergulho dos investimentos ladeira abaixo foi de tal ordem que, no orçamento do exercício corrente, previam-se aplicações correspondentes a 3,2 por cento do Produto Interno Bruto, mas não se chegou a 2,8 por cento. A proposta orçamentária do próximo ano também consagra 3,2 por cento do PIB

aos investimentos, mas, diante da caótica situação das finanças públicas, seguramente haverá cortes drásticos. Ora, a destinação de receitas orçamentárias aos programas ligados à infra-estrutura básica sempre se situou em torno de 5,5 por cento do PIB, a fim de garantir crescimento econômico adequado às exigências do País e às taxas de aumento demográfico.

A crise dos investimentos resulta, também, da incapacidade de as empresas estatais gerarem poupanças nos níveis exigidos pela dimensão de suas próprias atividades e segundo objetivos sociais. No passado, os desperdícios, as metas delirantes, os equívocos operacionais, os negócios mal conduzidos e outras distorções volatilizaram os excedentes líquidos. E no presente tais anomalias juntaram-se aos desajustes tarifários, provocados pela inflação, para impedir a formação de reservas nos balanços contábeis.

Como, porém, o retrocesso infra-estrutural desencadeará reações em círculos concêntricos, como uma pedra atirada em águas tranquilas, é todo o sistema produtivo que se encontra sob grave ameaça de sucateamento. Uma solução heróica urge ser desde logo encaminhada, porque a Nação não suportará regredir ainda mais.